

A FORMAÇÃO DE LEITORA LITERÁRIA DE TATIANA BELINKY

Simone Luciano Vargas¹

RESUMO

O artigo aborda uma reflexão sobre a formação de leitora literária da escritora infantojuvenil Tatiana Belinky (1919-2013), tendo por *corpus* de análise sua autobiografia, *Transplante de Menina*. A autora, de origem russa, vivera na Letônia até os dez anos, país onde teve sua formação cultural. Na autobiografia, a escritora fez referência à sua introdução no mundo da leitura literária. Dessa forma, a partir de sua narrativa de memória, é possível perceber as práticas de leitura que contribuíram para a introdução de Belinky no mundo da literatura, e como ela reflete sobre isso.

Palavras-chave: formação de leitor, Leitura literária, Memória.

Introdução

Tatiana Belinky (1919-2013) é uma conhecida escritora de literatura infantojuvenil. No entanto, antes de se dedicar à produção de livros para crianças, ela já era conhecida no meio teatral como roteirista de peças infantis, carreira que iniciou na década de 1940. Foi devido ao convite da editora Ática, em 1985, que Belinky, então com 63 anos, começou a escrever livros de literatura infantil, sendo que atualmente conta com uma produção considerável nessa área. Os primeiros livros infantis de sua produção foram *A Operação Tio Onofre* e *Medroso! Medroso!* Além de escritora, Belinky também traduziu obras de autores russos e alemães. Atividade que exerceu desde a época em que havia poucos tradutores, em sua maioria homens, que o fizessem diretamente da língua de origem para o português.

O objetivo deste trabalho é verificar, a partir das memórias da escritora, como se deu o processo de sua formação como leitora literária na infância e seu desenvolvimento até a pré-adolescência. Um dos questionamentos suscitado é se a sua condição de estrangeira influenciou em sua formação e em sua relação com os livros literários. Outro, é como isso repercutiu na sua carreira profissional de roteirista teatral e escritora infantojuvenil.

¹ Doutora em Letras, área de Estudos de Literatura, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Agronomia. E-mail: simonevargas@gmail.com

Devido ao objeto de pesquisa ser uma autobiografia, ou seja, uma narrativa de memória, considera-se aqui “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’ e igualmente [...] a construção explícita de identidade” (CANDAU, 2012, p. 23). Assim suas recordações interessam para esse trabalho porque relatam suas experiências a respeito da leitura durante a infância. Nesse sentido, suas memórias auxiliam na compreensão do processo de formação do leitor literário desde a pequena infância.

O corpus autobiográfico

As obras autobiográficas interessam por trazerem relatos de experiências pessoais. Trata-se de uma forma de acesso à subjetividade, pois geralmente o autobiográfico reflete sobre os acontecimentos, traduzindo sentimentos e posicionamentos sobre o ocorrido.

Tanto melhor que, por se tratar de lembranças do passado, a memória “não se fixa apenas no campo subjetivo já que toda vivência, ainda que singular e autorreferente, situa-se também num contexto histórico e cultural” (SOUZA, 2007, p. 63). O fato de a narrativa apresentar a relação entre sujeito e cultura enriquece a análise, pois reflete a mútua influência entre ambos. Entretanto, o gênero autobiográfico tem por característica o discurso monológico como elemento composicional da narrativa (BAKHTIN, 1997), por isso há uma única voz, a do narrador protagonista, conseqüentemente, um único ponto de vista, o do autobiografado.

De origem russa, Tatiana Belinky registrou suas memórias de infância na obra *Transplante de Menina* (2003), cuja primeira edição foi em 1989. As memórias relatadas abrangem o período histórico de 1919 a 1933, aproximadamente dos 4 aos 13 anos: até os 10 anos, a autora viveu em Riga, capital da Letônia; dos 10 em diante, no Brasil, mais precisamente em São Paulo. Entretanto, a memória não é fiel depositária dos acontecimentos. Portanto é necessário considerar a impossibilidade de narrá-los tal como ocorreram no passado, porque a memória “não é uma reconstituição ‘pura’ mas atravessada, às vezes imperceptivelmente e associada, inconscientemente a fenômenos aparentemente distantes daquele evento original” (YUNES, 1995, p. 191). Considerar a memória, a partir das relações, é pensar que o passado pode ser tanto recordado como

recriado. Por esse ponto de vista, a memória é dinâmica, sujeita a mudanças a cada nova situação em que um episódio é evocado, porque “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18). Além de ser influenciada por experiências posteriores ao ocorrido, para complementar as lacunas da memória, faz-se necessária a criação imaginativa para a reconstrução do passado. Nesse sentido, a autobiografia também possui um caráter ficcional.

Nem todas as experiências relatadas serão analisadas, pois há uma variedade de temas abordados na obra, por isso a reflexão estará focada nos relatos que trazem elementos de sua formação como leitora literária, a influência sobre sua vida profissional na fase adulta e o imaginário infantil.

Formação do leitor literário

A leitura é necessária para a prática social, assim, trata-se de um instrumento para viver em sociedade, porque o sujeito que não lê tem dificuldades de interagir com o mundo que o cerca; e precisa do outro para decodificar, o que gera uma dependência até para resolver pequenos incidentes do cotidiano, como ler o letreiro do ônibus, por exemplo. Nesse sentido, a leitura torna o sujeito um ser autônomo capaz de interagir com o mundo sem intermediários. Ler é poder. Contudo, a formação do leitor se dá num processo, lento e complexo. Azevedo (2004, p. 37) corrobora quando afirma que “a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação”.

Saber ler é a chave para adentrar no universo literário. A literatura possui uma linguagem que estimula o intelecto, aprimorando o raciocínio. Não se atendo somente a essa característica funcional, ela também ativa a imaginação do sujeito, colocando-o em contato com outras visões de mundo, outras experiências de vida. De acordo com Yunes (1995, p. 189), no literário

o mundo organizado se desorganiza, o mundo caótico ganha sentido, o fantástico é experimentado, a história ganha condições de maravilhoso e o maravilhoso de verdade. Aqui e ali o mundo se explica. A brutalidade da vida nordestina é mais autêntica em *Vidas Secas* do velho Graciliano Ramos que em tratados de antropólogos, cientistas

sociais ou geólogos. A literatura desrealiza e vivifica; desfoca e aproxima; sintetiza e revela. A palavra instaura o mundo (no princípio era o Verbo): o leitor interagindo com o texto é coautor e sente perpassá-lo a condição de criador. O literário, sem compromissos com a História, mostra seu avesso e as tramas do tecido (texto) aparente.

Pela literatura, viagens imóveis se tornam possíveis. Por meio da leitura, um mundo novo se descortina para aqueles que se aventuram a explorar a leitura literária, mas, como Azevedo (2004, p. 38) destaca:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida.

As crianças sabem aproveitar essa potência da imaginação presente na literatura. Segundo Benjamin (2002, p. 70),

que se indiquem quatro ou cinco palavras determinantes para que sejam reunidas em uma curta frase, e assim virá à luz a prosa mais extraordinária: não uma visão do livro infantil, mas um indicador de caminhos. De repente as palavras vestem seus disfarces e num piscar de olhos estão envolvidas em batalhas, cenas de amor e pancadarias. Assim as crianças escrevem, mas assim elas também leem seus textos.

Contudo, para que o leitor não usufrua somente do caráter utilitário da leitura, mas de todas as suas possibilidades de práticas sociais, faz-se necessário que a literatura seja apresentada. Para isso, a presença de um mediador de leitura é fundamental para a formação de leitores. Quanto mais cedo o sujeito for apresentado ao universo literário melhor, pois as “crianças precisam desde pequenas de uma convivência gratificante com livros e histórias [...]” (YUNES, 1995, p. 189).

A escola não é a única responsável por esse conhecimento, a mediação de leitura pode iniciar no seio da família, qualquer pessoa está habilitada a ser um mediador, o principal é gostar do texto literário. Quanto mais cedo a criança for apresentada ao texto literário, maior a possibilidade de sucesso. É nessa perspectiva que os pais podem ser considerados como os primeiros a se tornarem mediadores aptos para apresentarem a literatura à criança. A leitura introduzida pela família tem grandes chances de ter sucesso por causa da ligação afetiva que possuem com a criança desde a concepção

(TUSSI, 2008). Para transmitir o prazer de ler, é vital que o mediador goste de contar histórias, sejam professores, avós, pais, irmãos mais velhos ou até um vizinho.

Benjamin (2012, p. 219), em seu artigo “O narrador”, de 1936, já afirmava que a arte de narrar é saber explorar a narrativa de forma que deixe espaço para o ouvinte interagir e assimilar: “Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações”. Nesse sentido, o livro não é o único suporte capaz de transmitir o gosto pela leitura. Ao demonstrar o seu prazer pela contação de histórias ou sua prática de leitura, uma pessoa pode contagiar outra. Contudo, para que isso ocorra, alguém tem de exercer o papel de mediador.

As vantagens para o sujeito leitor é o aumento de seu conhecimento de mundo, uma visão mais abrangente e diferenciada daqueles que não leem. De acordo com Gregório Filho (2002, p. 136), “Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria experiência e vamos construindo nosso jeito de olhar a nós mesmos e ao mundo”.

Portanto, as experiências de leitura na infância de Tatiana Belinky podem, se não esclarecer, ao menos reforçar aquilo que já sabemos: o poder transformador da literatura na vida do sujeito.

Ler se aprende brincando

O início da formação de leitora de Tatiana Belinky deu-se em Riga. Em suas memórias, a autora fez questão de registrar que sua família pertencia à classe média: “profissionais liberais, comerciantes, intelectuais – gente da chamada burguesia urbana, de vários tipos e níveis [...] É desse tipo de imigrante que fazíamos parte, a minha família e eu” (BELINKY, 2003, p. 10-11). Por fazer parte da classe média, ela teve acesso a práticas culturais elitizadas desde pequena: “Quando cheguei ao Brasil, tinha pouco mais de dez anos e todo um passado europeu atrás de mim: toda uma vida, todo um ‘caldo de cultura’” (BELINKY, 2003, p. 10). Ao que ela metaforicamente se refere como *caldo de cultura*, demonstra uma clara valorização do seu passado europeu como forma de distinção. De acordo com Bourdieu (2007), a maneira como se usam os bens simbólicos, em especial aqueles considerados como atributos de excelência, apresenta-se como marcador privilegiado de classe e como estratégia de distinção. No Brasil,

mesmo com poucos recursos, os pais levavam Belinky e os irmãos a visitarem museus e parques da cidade de São Paulo, demonstrando o apreço que sua família tinha por bens culturais.

A partir de suas memórias, é na capital da Letônia onde se verifica como se originou o gosto pela literatura e pela alfabetização na década de 1920. Os estímulos sociais à leitura e à escrita se apresentam claramente nas atividades de lazer propostas pelos pais como forma de entretenimento.

E como brincávamos! As horas do dia não eram suficientes para tanta brincadeira, e o comando de ir para a cama era invariavelmente saudado pelos mais veementes protestos, só mitigados pela perspectiva das histórias que papai nos contava sempre na hora de dormir. Ele era um grande contador de histórias e tinha um repertório que parecia interminável. Eram histórias fantásticas e histórias verdadeiras, tiradas da literatura e da imaginação, da História do Mundo e da Mitologia, da Bíblia, do folclore e da poesia. Esta última, então, papai sabia dizer como um verdadeiro artista, a gente ficava encantada e emocionada, e queria ouvir mais e sempre mais. (BELINKY, 2003, p. 14).

A afetuosidade se fez presente ao mencionar o repertório diversificado do pai e a forma como ele o apresentava – aos olhos da autora-narradora, o pai “era um grande contador de histórias” e declamava as poesias “como um verdadeiro artista”. Isso demonstra que a família valorizava o conhecimento e o prazer estético que a leitura proporcionava. Segundo Eliana Yunes (2002, p. 35), “Ao revisitarmos nossas memórias de contato com a narrativa, [...], elas aparecem inevitavelmente associadas a alguém que guardamos afetosamente. [...] que nos chega assimilado a estes discursos mágicos com que fomos apresentados ao mundo que não víamos”. A admiração que Belinky tinha pelo pai, que também se apresenta em outros trechos de sua autobiografia, está em consonância com ponto de vista de Yunes. Além disso sua performance como contador de histórias e a atmosfera criada nesses momentos contribuíram para o sucesso das atividades em família.

Jean Foucambert (2008, p. 96) afirma que “o uso familiar da leitura determina o valor social de comunicação que a criança atribui à leitura”. A importância que os pais davam aos livros, às histórias, assim como aos bens culturais em geral, criou uma pré-disposição em Belinky ao aprendizado da leitura, também por querer ter acesso, sem intermediários, às histórias que tanto a encantavam: “Tudo isso me dava uma vontade

crecente de ler, os livros me fascinavam desde muito cedo. Não foi à toa que aprendi a ler – brincando com bloquinhos de letras, com pouco mais de quatro anos de idade – e nunca mais parei.” (BELINKY, 2003, p. 14).

No entanto, do ponto de vista da autora-narradora, a sua alfabetização se deu pela introdução de blocos alfabetizadores, não considerando que o convívio desde pequena com a escrita e a leitura literária lhe facilitaram o processo. Em sua biografia (ROVERI, 2007), Belinky relata que usou do mesmo expediente para alfabetizar o neto, com os mesmos blocos que o pai lhe dera.

Atualmente é raro encontrar famílias cujos pais dedicam parte do seu tempo para esse tipo de lazer. O prazer que o pai proporcionava a Belinky e a seus irmãos atualmente é de responsabilidade da escola. Fica a critério desta a metodologia adequada e o momento em que se deve introduzir a leitura na vida da criança. Entretanto, as atividades de entretenimento, proporcionadas na década de 1920 pelos pais, mostram-se bastante atuais pela perspectiva da metodologia proposta por Ezequiel T. da Silva (2003, p. 37):

O trabalho de leitura com crianças na faixa de 3 a 6 anos exigirá um bom contador de histórias [...]. Creio que a apresentação do mundo dos livros para essas crianças deva ocorrer de maneira lúdica, estimulando ao máximo a produção de sentidos, o recontar criativo, a produção de narrativas orais pelas crianças, a união da história ouvida com atividades de artes plásticas, mímica, etc.

Segundo Francisco Gregório Filho (2002, p. 136), “Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos”. Nesse sentido, a escritora já apresentava desde a infância o *gérmen*, a veia artística que a levaria anos mais tarde a ingressar na dramaturgia infantil. Pelos relatos, percebe-se o incentivo e o nível cultural dos pais da escritora, que, além de frequentar o teatro com os filhos, permitiam que as crianças dessem asas à imaginação ao fazerem suas produções caseiras. Assim, as crianças relacionavam as audições domésticas com outros tipos de arte:

O mesmo vão entre os quartos servia, em outras ocasiões, para separar o “palco” – no nosso quarto – da “plateia” – o quarto dos pais – com

uma “cortina”, ou pano de boca, feito de lençóis gentilmente emprestados por mamãe para fazermos nosso teatro. Fazíamos “jogos dramáticos”, improvisávamos peças com as histórias conhecidas, pantomimas, imitações, declamações, cantorias. Sim, porque a gente já conhecia e amava o teatro: nossos pais nos levavam para assistir a peças infantis, e também operetas, que eram os “musicais” da época, e balés com enredos de contos de fadas e outros grandes espetáculos. A gente tentava imitar tudo [...]. (BELINKY, 2003, p. 15).

Já detentora deste conhecimento: a leitura, a narradora-personagem adquiria uma posição privilegiada frente às demais crianças: “(Meu irmão quase três anos menor, ainda não sabia ler, pelo que eu tinha muita pena dele...)” (BELINKY, 2003, p. 15). Isso mostra que saber ler era valorizado entre eles, e a falta desse conhecimento podia causar comoção, mas também satisfação naqueles que o sabiam e que assim ascendiam a uma posição de destaque: “Muitas vezes era eu – a mais velha, com oito, nove, dez anos – quem inventava os temas dos nossos jogos dramáticos, a partir das histórias que papai contava ou que eu lia nos meus livros” (BELINKY, 2003, p. 37). A autora, em sua biografia, credita às performances e às criações de roteiros infantis, quando criança, o ato motivador para dedicar-se à roteirização de textos para o teatro infantil na fase adulta.

Além disso, as histórias lhe despertaram o imaginário, pois o contato com textos literários estimulou a imaginação que trouxe a fantasia para o mundo real:

[...] e me lembro bem do meu primeiro “papel dramático”, ao redor dos meus quatro anos de idade: eu era uma mosca. Engatinhava pelo chão, esfregando o focinho com as patinhas, zumbindo e recitando uns versinhos que diziam que eu estava andando pelo teto, a caminho da casa do velho besouro meu amigo. E eu tinha certeza absoluta de andar pelo teto, de cabeça para baixo – uma sensação inesquecível. (BELINKY, 2003, p. 15-16).

Essa representação dramática não tem uma demarcação cronológica precisa, a narradora deduz que tivesse cerca de 4 anos, pois as lembranças do início da infância são mais difíceis de precisar cronologicamente. Trata-se de uma recordação especial, por isso significativa: “Culpa e felicidade manifestam-se na vida das crianças com mais pureza do que na existência posterior, pois todas as manifestações na vida infantil não pretendem outra coisa senão conservar em si os sentimentos essenciais” (BENJAMIN, 2002, p. 49). O imaginário infantil que se apresenta nessa lembrança traz o maravilhoso para a realidade; por meio da imaginação, a criança pode se transformar até num inseto.

O acesso a livros é fundamental para que a criança desperte para a leitura e a escrita: “A criança que vive nos meios onde se faz uso constante da leitura tem condições distintas daquela cujo ambiente social está pouco vinculado à escrita, isso é, onde essa modalidade está fundamentalmente ausente” (GUSSO, 2010, p. 16). Conforme nos relata a autora-narradora, o livro é um objeto que fez parte de sua infância e auxiliou no desenvolvimento de sua criatividade e criticidade artística:

De modo geral, em termos de educação artística, do desenvolvimento da apreciação e do gosto pelas coisas bonitas do mundo, nós, crianças, tínhamos em casa um prato cheio. Entre os livros – e eram livros mesmo, não havia revistinhas nem gibis, e nem mesmo os livrinhos “magros” e, de certa forma, descartáveis, que pululam agora [...]. (BELINKY, 2003, p. 17).

Nesse excerto, Belinky fez uma crítica aos livros infantis contemporâneos. Obviamente, na década de 1920, quando estava sendo inserida no universo da literatura, embora houvesse obras infantis, o mercado editorial ainda não tinha se voltado para o público infantil de forma contundente. Como autora de livros infantis, Belinky possui uma bibliografia extensa de livros nos moldes do que se tem produzido na atualidade.

Devido à sua condição de estrangeira, Tatiana Belinky tinha um conhecimento multilíngue, pois lhe foi necessário, vivendo na Letônia, aprender quatro idiomas: russo, para se comunicar com os pais; ídiche, com os avós judeus; alemão, com a babá; e letão, porque era a língua do comércio. A partir de 1929, aos 10 anos, Belinky passou a viver no Brasil; onde, além do português, pela necessidade de se integrar à realidade brasileira, Belinky aprendeu mais dois idiomas: o inglês, ao estudar na escola americana, Mackenzie; e o francês, ensinado pelo pai. Por meio desse conhecimento, novas perspectivas de exploração do imaginário se abriram para ela:

E nós, crianças, não estranhávamos isso: falar três ou quatro idiomas era coisa comum em nosso meio, não representava nenhum esforço ou “sapiência” especial. E hoje posso dizer que isso me foi de imensa utilidade e ajuda na vida em geral – sem falar na vantagem e no prazer de poder ler os meus amados livros no original, em vários idiomas, entrando em contato com outros mundos, conhecendo outras terras, aprendendo a entender e a aceitar, numa boa, outros povos, outros usos e costumes. E “viajando” mais depressa que qualquer foguete atômico: com a rapidez do pensamento. (Aliás, ainda hoje, eu não

trocaria uma viagem numa vassoura de bruxa ou num pilão de Baba-Yagá por nenhum veículo espacial do mundo). (BELINKY, 2003, p. 30).

Dessa forma, mesmo longe de sua pátria, Tatiana Belinky continuava o *habitus* de leitura da literatura russa e alemã, por consequência, próxima do imaginário coletivo do Leste europeu, mantendo o vínculo com sua cultura de origem. Nos primeiros anos no Brasil, esse vínculo, proporcionado pela literatura, foi de suma importância para que a menina transplantada suportasse a distância de sua terra natal. De certa forma, a literatura aproximava, por meio da leitura, o que estava distante, e isso a confortava. A proficiência em línguas estrangeiras a introduziu no campo da tradução mais tarde.

Aos 11 anos, Belinky começou a frequentar a biblioteca da escola Mackenzie; a partir desse momento, ela teve acesso à literatura escrita em língua portuguesa:

Então, lá fui eu para a biblioteca, toda entusiasmada e cheia de antecipação pelas delícias que me aguardavam entre as capas de tantos e tantos livros. Fui direto para uma das grandes estantes, escolhi dois livros de ficção – a esmo, porque nem sabia quem eram os autores, ou quais os assuntos de que tratavam – e me dirigi à biblioteca, a fim de registrar a retirada. Qual não foi a minha decepção quando a professora, acho que era uma professora, me disse com seu ar professoral que eu não podia retirar esses dois livros, “porque não são para meninas”. (BELINKY, 2003, p. 149).

Segundo os relatos, a família de Belinky não se opunha ao seu desejo de ler qualquer tipo de livro, o que causava estranhamento numa sociedade tradicional como a brasileira no início do século XX. A atitude da bibliotecária foi impedir o acesso aos livros que, segundo o seu critério, seriam inapropriados para a idade de Belinky, por considerá-los *fortes*. Ocorre que, devido aos hábitos de leitura incentivados no ambiente familiar, Belinky diferia das outras meninas. Seu repertório de leitura estava muito além do que a bibliotecária estava acostumada a oferecer aos alunos da escola. Segundo Mendonça (2010, p. 140), “A seleção dos textos a serem lidos na escola brasileira depende, diretamente, dos conceitos de criança, de literatura infantil e de escola, que se desenvolveram, principalmente, a partir do final do século XIX”. Assim, esse acontecimento na vida de Belinky exemplifica o que se considera culturas em conflito. O conceito de criança e de literatura, principalmente sobre o que era apropriado ou não, diferia da opinião da bibliotecária com a dos pais de Belinky. Além disso, incentivada

pelos pais a ter autonomia, ela não aceitava a imposição dos adultos sem que esta fosse justificada.

Dessa forma, na impossibilidade de coação, os atos da menina eram vistos como excêntricos e caracterizados como coisa de estrangeiros, por isso, incompreensíveis:

Feliz da vida, levei o bilhete para a escola – e ele teve o efeito de uma minibomba. Foi uma espécie de escândalo, tanto junto às professoras como diante das alunas: já se viu, uma fedelha de pouco mais de onze anos poder ler tudo o que lhe desse na veneta! Mas se o pai autorizava, estava autorizado e ponto final, a autoridade paterna era a última instância. “Coisas de estrangeiros” – concluíram. (BELINKY, 2003, p. 151).

Nesse sentido, sua condição de estrangeiro também se torna um alibi para justificar seu comportamento nada convencional segundo os ditames da sociedade da época. Esse fato pode ser visto como tendo aspectos positivos e negativos. Positivo, porque assim ela tinha certas liberdades que outras meninas não tinham; negativo, porque se apresentava como mais uma barreira nas tentativas de manter uma boa relação com os colegas: “E eu passei a retirar os livros que me interessavam, quanto mais grossos, tanto melhor, eu não queria que eles acabassem... [...] os livros, entre outras vantagens, eram o ‘porto seguro’ onde eu me refugiava e soltava as asas da imaginação” (BELINKY, 2003, p. 151-152).

As experiências de leitura com a obra de Monteiro Lobato também se iniciaram nessa época:

[...] havia o anúncio do Biotônico Fontoura – “o mais completo fortificante” – ao qual, aliás, eu devo uma das minhas primeiras leituras em português: o *Almanaque do Biotônico Fontoura*, publicado pelo Laboratório Fontoura e Serpe, recheado, como convém a um almanaque, de coisas interessantes e informações curiosas sobre esse Brasil, ainda tão desconhecido para mim. Por seu intermédio, tive o meu primeiro contato com Monteiro Lobato, através da história de Jeca Tatuzinho, a quem conheci antes de ler as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que iriam ter uma enorme importância na minha vida anos mais tarde. (BELINKY, 2003, p. 121).

Dessa forma, como para muitas crianças nesse período, as obras de Monteiro Lobato foram como uma janela para outra dimensão da cultura brasileira, na qual Belinky estava se iniciando. Anos mais tarde, Monteiro Lobato teve uma grande

importância para a sua vida profissional. Nos anos 1940, Belinky e o marido foram pioneiros no teleteatro infantojuvenil (na época não havia *vídeo tape*), pois encenaram na TV Tupi, ao vivo, “A Pílula Falante” e o “Casamento de Emília”, do livro *Reinações de Narizinho* (1931), com o aval de Monteiro Lobato (ROVERI, 2007).

Considerações finais

Em sua autobiografia, Tatiana Belinky registrou como foi seu contato, no âmbito familiar, com a literatura. É certo que – por se tratar de um gênero híbrido, pois mescla verdade e ficção, e depender da memória daquele que narra sua própria vida – a autobiografia é vista por alguns com desconfiança. Entretanto, o gênero autobiográfico tem se apresentado como uma fonte que traz registros sobre acontecimentos que, caso contrário, estariam fadados ao esquecimento. Por essa razão, é possível que as gerações futuras tenham conhecimento das experiências e das impressões de Belinky durante a infância e a adolescência.

Desde pequena, muito antes de iniciar sua vida escolar, a escritora foi introduzida no mundo literário e artístico por sua família, principalmente o pai. Este se apresentava a ela e aos irmãos como um contador de histórias, dando continuidade à transmissão da arte da contação de histórias. A figura paterna, que se apresentava como uma influência positiva na vida de Belinky, foi de extrema importância para a sua formação como leitora literária. De acordo com Yunes (2002), a leitura introduzida por alguém que seja estimado pela criança aumenta as possibilidades de que ela se torne um futuro leitor.

Os métodos utilizados também auxiliam para que a leitura seja vista como algo prazeroso. Por isso a ludicidade, nos momentos de lazer da família, se apresentou eficaz para a introdução de Belinky na literatura: o pai contava histórias, a mãe cantava e as crianças dramatizavam as histórias que ouviam. As estratégias utilizadas, no início do século XX, por seus pais, antecipavam o que se tem verificado atualmente nas pesquisas sobre a mediação para a formação de leitores literários na escola. Inclusive o papel das bibliotecas e bibliotecárias, como incentivadoras de novos leitores, e sua manutenção, faz-se presente no registro memorialístico de Belinky, embora se apresente como um exemplo a não ser seguido.

Sua condição de estrangeira e leitora proficiente em outras línguas recebeu destaque na autobiografia, pois a literatura foi um refúgio para a autora quando

adolescente. Esta que é uma fase de descobertas e inseguranças, Belinky ainda tinha de lidar com a adaptação num país com uma cultura muito diferente da sua, o que justifica o título do livro: *Transplante de menina*.

Na fase adulta, as profissões que exercera – tradutora, roteirista de teatro, escritora de literatura infantojuvenil – são frutos da educação, do convívio com os livros e de sua herança cultural. Durante sua vida, Belinky incentivava que as crianças tivessem acesso à literatura, seja pelo teatro, seja pelos livros infantis, exercendo o papel de mediadora entre culturas.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: Renata Junqueira de Souza (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004, p. 27-47.

BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELINKY, T. *Transplante de menina: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*. 3. Edição. São Paulo: Moderna, 2003.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. edição. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240. (Obras escolhidas, vol. 1).

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

GREGÓRIO FILHO, F. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, E. (org.). *Pensar a leitura: complexidades*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 136-151. (Coleção Teologia e Ciências Humanas).

GONDAR, J. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005, p. 11-26.

GUSSO, Â. M. Formação do leitor aprendiz. In.: BORGES, A. G. S.; ASSAGRA, A. G.; ALDA, C. G. L. *Leitura: um mundo além das palavras*. Curitiba: Instituto RPC, 2010, p. 14-23.

FOUCAMBERT, J. *Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental*. Tradução: Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

MENDONÇA, C. T. Ler é atribuir sentidos. In.: BORGES, A. G. S.; ASSAGRA, A. G.; ALDA, C. G. L. (orgs.). *Leitura: um mundo além das palavras*. Curitiba: Instituto RPC, 2010, p. 140-151.

ROVERI, S. *Tatiana Belinky: ...e quem quiser que conte outra*. São Paulo: imprensa oficial, 2007. (Coleção Aplauso: Perfil). Disponível em: <http://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.342/12.0.813.342.pdf> Acesso em 3 abr. 2015.

SILVA, E. T. *Conferências sobre leitura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM. (orgs.). *Memória e formação de professores* [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TUSSI, Rita de Cássia. *Leitura na infância inicial: uma intervenção precoce de leitura*. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Revista Letras*, v. 44, p. 185-196, 1995. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078>. Acesso em: 26 ago. 2021.

YUNES, E. Introdução. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, E. (org.). *Pensar a leitura: complexidades*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 13-51. (Coleção Teologia e Ciências Humanas).

THE FORMATION OF LITERARY READER OF TATIANA BELINKY

ABSTRACT

This article approaches a reflection about the literary reader formation of Tatiana Belinky (1919-2013), with her autobiography, *Transplante de menina*, working as the *corpus*. The author, of Russian origin, lived in Latvia until the age of ten, where her reader formation took

place. In her autobiography, the writer references her introduction to the literary world. In this way, having the narrative of her memories as a starting point, it's possible to observe the reading practices that contributed to the introduction of Belinky to the world of writing, and the way she herself muses on the fact.

Keywords: Formation of literary reader, Literary reading, Memory.